

SENTIDOS DE *FELICIDADE* EM CARTAS DE JOEL RUFINO PARA SEU FILHO

MEANINGS OF *HAPPINESS* IN LETTERS FROM JOEL RUFINO TO HIS SON

Carlos Alberto Silva da Silva¹
Florisbete de Jesus Silva²

Data de recebimento do texto: 21/07/2025

Data de aceite: 19/08/2025

Resumo: Propomos analisar os sentidos de felicidade na escrivência *Quando eu voltei, tive uma surpresa*, do autor Joel Rufino dos Santos (2000). *Escrivência* é um conceito criado por Conceição Evaristo (1996), para designar a literatura de autoria negra que traz o sujeito negro, sua história, cultura, tradições, como protagonistas. Pensando no conceito aristotélico de que felicidade é um bem com capacidade de satisfazer carências e aspirações humanas, buscamos identificar que significações atravessam a palavra felicidade, bem como palavras a ela articuladas (a exemplo de felizes, tristes, etc.) nessa escrivência. O aporte teórico-metodológico mobilizado para análise é a Semântica Enunciativa do Acontecimento, teoria desenvolvida por Eduardo Guimarães (2002, 2018), para a qual o sentido se constitui historicamente, na relação do sujeito com a língua e com o acontecimento da enunciação, nos embates que atravessam a luta pelo direito ao dizer. Partindo desse lugar, é possível dizer que os sentidos da palavra felicidade se dividem no acontecimento.

Palavras-chave: Sentidos. Escrivência. Semântica. Enunciação.

Abstract: We propose to analyze the meanings of happiness in the “escrivência” *Quando eu voltei, tive uma surpresa* (*When I came back, I had a surprise*), by the author Joel Rufino dos Santos (2000). *Escrivência* is a concept created by Conceição Evaristo (1996), to designate the literature of black authorship that presents the black subject, its history, culture, traditions, as protagonists. Thinking of the Aristotelian concept that happiness is a good with the ability to satisfy human needs and aspirations, we seek to identify that meanings cross the word happiness as well as articulated words (such as happy, sad, etc.) in this “escrivência”. The theoretical-methodological contribution mobilized for analysis is the Enunciative Semantics of the Event, a theory developed by Eduardo Guimarães (2002, 2018), for which the meaning is constituted historically, in the relationship of the subject with the language and with the event of enunciation, in the clashes that permeate the struggle for the right to speak. From this perspective, it is possible to say that the meanings of the word happiness are divided in the event.

Keywords: Meanings. Escrivência. Semantics. Enunciation.

¹ Pós-doutoramento em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC/CNPq). Doutor em Ciências da Linguagem pela Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL). Mestre em Literatura pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Pesquisador do Grupo de Pesquisa Linguagem, Enunciação, Discurso (LED/UNICAMP/CNPq). E-mail: carlosnago@yahoo.com.br

² Doutora em Linguística, pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Mestra em Linguística pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Vitória da Conquista. Mestra em Educação pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia (ULHT), Lisboa, Portugal. Professora de Língua Portuguesa na Rede Municipal de Porto Seguro. Pesquisadora do Grupo de Pesquisa Linguagem, Enunciação, Discurso (LED/UNICAMP/CNPq), do Grupo de Pesquisa em Estudos Semânticos (GEPES/UESB) e do Grupo de Pesquisa CONEXÕES: Produção de Conhecimento e Ensino (UNEB/CNPq). E-mail: florisbete@gmail.com

Considerações iniciais

Pensar sobre o sentido de felicidade, partindo da posição semanticista do acontecimento (GUIMARÃES, 2002, 2018), é compreender que esse sentido é político, uma vez que é marcado pela dispersão, pela deriva, por uma temporalidade que traz para o presente da enunciação outros dizeres que se articulam com esse presente, produzindo uma futuridade atravessada por sentidos divididos. No pensamento filosófico aristotélico (ARISTÓTELES [300 a.C.] 1973), a felicidade significa um bem que o homem tenta adquirir ao longo da vida, sendo capaz de qualquer ação para alcançá-la, mesmo que suas ações proporcionem apenas prazeres transitórios. E como a felicidade, para o filósofo, é um estado constante e duradouro, a sua busca não cessa, há sempre uma sensação de que é preciso mais uma ação para conquistá-la.

Partindo dessa filosofia aristotélica, nos perguntamos: que significações são produzidas para felicidade, a partir da obra literária *Quando eu voltei, tive uma surpresa*, do escritor Joel Rufino dos Santos, selecionada pelo Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE)? Este livro faz parte do acervo que visa atender o projeto de formação de leitores nas escolas públicas brasileiras.

Para responder tal questionamento, analisaremos as relações de sentido da palavra felicidade na obra, tomando como pressuposto teórico-metodológico a Semântica do Acontecimento, teoria enunciativa desenvolvida pelo linguista brasileiro Eduardo Guimarães (2002, 2018), em que a enunciação se configura como um acontecimento que se dá na relação do sujeito-falante com a língua, agenciando esse falante a enunciar de um determinado modo e de lugares de enunciação que constituem a cena enunciativa, lugar de disputa pela palavra, de inclusão e exclusão. Também faremos uma rápida abordagem sobre o sentido de felicidade pelo olhar das filosofias africana e da ancestralidade como contraponto semântico ao olhar ocidental da sociedade moderna e neoliberal, sobre esse tema.

Felicidade: um bem com sentidos divididos

O conceito aristotélico de felicidade aponta que esta palavra se articula com significações atravessadas pela dispersão, uma vez que cada pessoa produz um sentido diferente quando o assunto é ser feliz. Para o senso comum e para a maioria das pessoas significa prazer; por isso, muitos se lançam na busca de algo que dê satisfação, mesmo que

sejam pequenos instantes de alegria, de momentos para se divertir e aproveitar o que de bom, em sua visão, a vida tem a oferecer.

Como essa felicidade consequente do prazer é material, as pessoas se veem em um ciclo interminável de busca por algo que as faça felizes, uma vez que a satisfação plena dos prazeres que a vida oferece não é alcançada. Por outro lado, este sentimento está, também, atrelado à honra, o que produz um sentido superficial, já que essa busca visa atender um desejo de se mostrar bom para o(a) outro(a), a fim de ser notado(a). Assim, busca-se a felicidade não por ela mesma, mas a partir de um ideal que a relaciona com a aquisição da riqueza, de bens materiais, de reconhecimento social, quase sempre na individualidade. É uma construção da sociedade moderna, capitalista e neoliberal.

Muitos teóricos acreditam que felicidade e virtude estão entrelaçadas. A esse respeito, Aristóteles destaca a importância da boa conduta para a conquista deste sentimento, uma “atividade virtuosa que deve necessariamente agir, e agir bem, pois o desânimo e a inatividade não trazem bons resultados para quem deseja ser feliz”, e “as coisas nobres e boas da vida só são alcançadas pelos que agem retamente” (ARISTÓTELES [300 a.C.] 1973, p. 13).

Nesse sentido, para o filósofo, a felicidade não é o resultado de uma soma de bens, seu valor é incomparável a qualquer outro, pois ela é uma “atividade da alma” considerada a “mais nobre” de todas as coisas existentes no mundo. Assim, ele a significa como um “bem supremo” a ser alcançado, e para tanto é necessário ter virtude, viver bem uns com os outros, praticando boas ações.

Aristóteles afirma que enquanto a felicidade é permanente, a pessoa passa por transformações constantes em sua vida. E, portanto, para ser feliz precisa se dedicar às atividades virtuosas, as quais são duráveis e requer um empenho diário, o que a ajudará a enfrentar as dificuldades com dignidade, com “nobreza de alma”.

Frente a tais discussões, é possível afirmar que os sentidos produzidos para felicidade, partindo da filosofia aristotélica, são marcados pela dispersão, uma vez que os sujeitos que a buscam a significam de lugares sociais diferentes, afetados pelos seus desejos, interesses pessoais ou mesmo pela reprodução de dizeres sobre ser feliz que apontam para caminhos e suportes distintos para o alcance desse bem tão almejado. A partir deste olhar teórico aristotélico, precisamos entender que numa sociedade moderna, capitalista e neoliberal, a felicidade é frequentemente entendida e vivida de um ponto de vista que é profundamente influenciado pela maneira como os eventos e as experiências são

semantizados, ou seja, como são interpretados, nomeados e atribuídos de significados dentro do contexto cultural, político e econômico em que ocorrem.

Quando falamos de felicidade numa sociedade neoliberal, é fundamental considerar como as estruturas de poder e as lógicas de mercado moldam esse conceito, muitas vezes desvinculando o sentido de uma noção mais profunda e coletiva, para aproximá-la de uma construção individualizada, pautada por consumo e sucesso pessoal. O neoliberalismo promove uma definição deste sentimento, centrada na realização do indivíduo em termos de produtividade, consumo e resultados financeiros.

A busca pela felicidade se torna, então, um projeto de acumulação de bens materiais, *status* social e sucesso profissional. Enfim, nesta nossa sociedade capitalista e neoliberal, ser feliz é um acontecimento individual, passível de ser alcançado por meio de escolhas de consumo e sucesso profissional, e, ao mesmo tempo, é também uma mercadoria que mantém o indivíduo constantemente em busca de algo que, muitas vezes, não pode ser plenamente alcançado ou experimentado. E assim se constrói a categoria da contradição, o sujeito dividido que, aliás, vamos ver em Joel Rufino – quando a felicidade é um sentimento, que vai ganhando outras palavras, como a tristeza, por exemplo.

Mas antes de abordar a felicidade pelo olhar da filosofia africana e pela filosofia da ancestralidade, precisamos apresentar Joel Rufino dos Santos (1943-2018): um escritor, historiador e acadêmico negro cuja obra e trajetória estão profundamente conectadas às questões das relações étnico-raciais no Brasil. Nascido no Rio de Janeiro, se destacou não apenas como intelectual, mas também como um dos mais importantes representantes da luta contra o racismo e pela valorização da cultura negra. Em sua carreira, se dedicou a uma reflexão crítica sobre a história do Brasil, enfocando as múltiplas dimensões da experiência negra no país, muitas vezes marginalizadas ou distorcidas pelas narrativas oficiais colonizadoras.

Como intelectual negro, Rufino também se engajou em debates públicos sobre a educação, a representação da população negra e as políticas de ação afirmativa. Suas reflexões sobre a importância de uma educação que não apenas reconhecesse, mas valorizasse a história e a cultura negras, contribuem para o entendimento de um Brasil que, longe de ser homogêneo, é caracterizado por uma complexa estrutura social em que a etnia e a raça têm um impacto fundamental nas experiências e oportunidades de vida de seus cidadãos.

Assim, a obra e a vida de Joel Rufino dos Santos constituem um legado importante para as discussões sobre as relações étnico-raciais no Brasil. Sua reflexão crítica sobre a história, sua literatura e suas ações acadêmicas servem como um marco de resistência e reafirmação da importância da identidade negra dentro da história do país. Ao abordar as relações raciais, Rufino sempre enfatizou a necessidade de se questionar as narrativas dominantes e de promover a inclusão e o respeito pelas diversidades étnicas e culturais, aspectos fundamentais para a construção de uma sociedade realmente inclusiva e democrática.

A felicidade pelo olhar da filosofia africana ou da ancestralidade

Na busca pelo entendimento de conceitos fundamentais da experiência humana, a felicidade ocupa um espaço central nas tradições filosóficas ocidentais e orientais. Enquanto na euramericana frequentemente está associada ao prazer individual ou à realização de desejos, as filosofias africanas e afro-brasileiras, especialmente aquelas que enfatizam a ancestralidade, apresentam uma visão coletiva e comunitária da felicidade.

Neste texto, faremos uma rápida reflexão sobre os sentidos da felicidade à luz da filosofia da ancestralidade e da filosofia africana como contraponto à ideia ocidental das sociedades modernas e neoliberais do ser feliz. Portanto, vamos ver que não se trata apenas de um estado emocional, mas uma construção que se transmite através de práticas culturais e expressões linguísticas que conectam os indivíduos com seus ancestrais e com a coletividade.

A felicidade pode estar numa proposta de comunidade como fonte de bem-estar, a partir do conceito de Ubuntu, por exemplo, apresentado pelo filósofo sul-africano Mogobe Ramose (1999). Ele diz que, filosoficamente, a melhor forma de aproximar-se deste termo é apresentá-lo como uma palavra hifenizada, *ubu-ntu*, mas atualmente trata-se de duas em uma, que evoca a ideia de existência. Ao invés de focar exclusivamente na realização individual, a felicidade no contexto do Ubuntu é uma experiência compartilhada, onde o bem-estar do outro é essencial para o próprio ser feliz.

Olhando pelo viés da ancestralidade negra, vamos entender que ontologicamente o ser é a manifestação da multiplicidade e da diversidade dos entes, isto é, a presença da pluriversalidade e não de uma filosofia ou de um saber universal. Portanto, é uma alternativa que se contrapõe à lógica neoliberal que produz determinismos particularizantes e

individualizantes no sistema de organização social contemporâneo. Oliveira (2009) conceitua a filosofia da ancestralidade como categoria analítica e como uma epistemologia que interpreta seu próprio regime de significados a partir do território que produz seus signos de cultura.

Além disso, é preciso ressaltar que ancestralidade torna-se o signo da resistência afro-brasileira e protagonista da construção histórica e cultural da pessoa negra no Brasil, bem como de gestar o novo projeto sociopolítico fundamentado nos princípios da inclusão social, no respeito às diferenças, na convivência sustentável das pessoas com o meio ambiente, no respeito à experiência dos mais velhos, na complementação dos gêneros, na diversidade, na relação dos conflitos, na vida comunitária, entre outros. Aliás, isso tudo está presente numa ética e numa estética das comunidades tradicionais de terreiros, espaço constituído, por entre outras coisas, pela busca da felicidade no coletivo, e não na individualidade. E tal sustentação prática/teórica transmitida pela oralidade está na filosofia africana.

A importância do contexto cultural na compreensão linguística pode ser observada na gramática e no vocabulário que refletem as noções de felicidade dentro do tecido social e religioso. Um exemplo: em várias línguas africanas, como o Yoruba e o Xhosa, as expressões para o ser feliz estão profundamente entrelaçadas com o conceito de comunidade e com a continuidade entre os vivos e os mortos, ou seja, a ancestralidade negra. A forma como se usa o presente, o futuro e o passado em discursos sobre felicidade reflete essa interconexão, indicando que é um bem contínuo, que não é apenas vivido no agora, mas também guardado e respeitado na anterioridade.

Resumindo: ao abordar a felicidade sob a ótica da filosofia africana e da filosofia da ancestralidade, percebemos uma concepção de bem-estar que transcende o individualismo e se enraíza na coletividade e no respeito pelos ancestrais. A linguagem, como um instrumento de comunicação e preservação cultural, não apenas expressa, mas também molda as formas pelas quais a felicidade é compreendida e vivida. Nesse sentido, a felicidade africana não é um fim, mas uma prática contínua de harmonia com o outro, com a natureza e com os ancestrais.

O corpus: escrevivência de uma vida no cárcere

Depois desta reflexão sobre a felicidade pelo olhar teórico de Aristóteles, pela noção da sociedade moderna ocidental neoliberal e pelas filosofias africana e da ancestralidade

negra, vamos nos deter, agora, na ideia de *escrevivência*, embasada na escritora negra Conceição Evaristo (1996). Este embasamento vai nos permitir analisar o livro *Quando eu voltei, tive uma surpresa*, que é uma coletânea de cartas escritas nos anos de 1973 e 1974, por Joel Rufino, a partir de uma cela do Presídio do Hipódromo, em São Paulo, para seu filho Nelson Garbayo dos Santos, de oito anos. São textos com relatos e histórias que tornam a vida na prisão menos sombria aos olhos do menino, que ficou distante e carente da presença do pai; nestas cartas estão acontecimentos passados/presente sobre a luta por liberdade do povo negro no período de escravização e na pós-abolição no Brasil.

Fundamentados nas discussões de Conceição Evaristo, para quem a literatura de autoria negra constrói um discurso literário partindo do testemunho do próprio autor, compreendemos que nas cartas de Joel Rufino a narrativa se articula como um “ator em cena, amalgamando sentimentos e ações, compondo uma relação profunda entre **escrever-vivendo-vendo-sendo-e estando-diante-e-dentro** de um espetáculo que ele organiza para a sua criação literária” (EVARISTO, 1996, p. 28, grifo da(o) autora(o)). Por essa linha teórica, identificamos essa obra literária como *Escrevivência*, conceito criado pela autora para designar a literatura negra, atravessada por um discurso que devolve ao(a) negro(a) o seu lugar de autoria e de protagonismo, “um discurso capaz de explicitar o negro, a sua inserção no mundo, os seus sentimentos, as suas particularidades como sujeito da história” (Ibid., p. 41).

Como sujeito autor negro, Joel Rufino expõe em suas cartas não apenas a sua história enquanto presidiário, mas também a história do povo negro, dos seus ancestrais, trazendo memórias e interpretações que os livros escolares deixaram (e continuam deixando) ocultas. Ao falar das suas discordâncias em relação ao sistema ditatorial da época, ao relatar a saudade que sente daqueles que ama, ao relatar a presença de outros companheiros e outras companheiras na mesma situação, suas cartas trazem para o presente outras histórias, outras lutas, outros movimentos de resistência diante da opressão e escravização sofridas por africanos e afro-brasileiros, ao longo da história deste país.

Assim, é possível dizer que seu lugar social de autoria “está abraçado ao coletivo, é um sujeito que, ao falar de si, fala dos outros e, ao falar dos outros, fala de si” (EVARISTO, 1996, p. 43). Deste modo, ressignifica o registro da memória social do seu povo, por meio dos relatos sobre as lutas diárias dos tempos vividos e das lutas enfrentadas por sua ancestralidade, bem como da história do povo negro, suas tradições, cultura, movimentos de resistência.

Nas cartas para Nelson, a enunciação reconstrói essa memória social, mantendo-a viva para o filho e para leitores e leitoras, reconhecendo o povo negro como protagonista na história do Brasil, recontando a sua história de um lugar de fala antes negado, mas agora sendo retomado como um lugar que é seu de direito.

A análise

Na posição teórica em que nos inscrevemos, ou seja, a Semântica do Acontecimento, as cartas escritas por Joel Rufino são tomadas como textos, unidades que integram enunciados, cujos elementos, em suas inter-relações no acontecimento enunciativo, mobilizam sentidos que são constituídos no funcionamento político da língua.

Segundo Eduardo Guimarães, o enunciado é uma “unidade de linguagem que apresenta, no seu funcionamento, uma consistência interna”, o que significa que “tem que ser considerado um elemento linguístico em um acontecimento”. Essa consistência deve estar “aliada a uma independência relativa”, ou melhor, “mesmo sendo independente, não deixa de ser um enunciado senão enquanto enunciado de um texto, de um acontecimento” (GUIMARÃES, 2018, p. 15-17).

Para a análise, selecionamos recortes, “formas linguísticas que aparecem como correlacionadas em virtude de terem uma mesma relação com o acontecimento, independentemente da posição na sequência” (GUIMARÃES, 2010a, p. 23). Nesse processo de análise, é importante considerar o movimento dos sentidos no texto, daí a relevância de tais recortes serem revisitados, reanalisados, “até que a compreensão produzida pelas análises se mostre suficiente para o objetivo específico da análise” (Ibid., p. 24).

Os recortes aparecem, neste texto, representados pela letra R, seguida de uma sequência numérica ([R1], [R2], etc.). O dizer dos personagens, quando representa diálogos dentro dos recortes ou quando traz enunciados cuja relação de sentidos se entrelaçam, é identificado pela letra E, significando enunciado (unidade de sentido), seguida, também, de numeração (E1, E2, E3, etc.).

Os relatos que se apresentam na escrivência marcam o encontro do já dito com os sentidos produzidos na enunciação, tomada aqui como o acontecimento do dizer. E esse processo de produção de sentidos constitui a história, como memória, e o social, que possibilita pensar a língua em funcionamento (GUIMARÃES, 1989). Esse acontecimento é político, atravessado pela contradição, pela divisão, pela inclusão e exclusão, pelo conflito

que se constrói na luta pelo pertencimento e pelo direito ao dizer (GUIMARÃES, [2002] 2005, p. 16).

O autor da escrevivência, bem como as personagens que a compõem, são identificados como sujeitos falantes que não têm controle total sobre o que dizem, uma vez que são agenciados pelo espaço de enunciação, este marcado pelo conflito e pelo embate entre línguas e falantes. Desse modo, são tomados por esse agenciamento como figuras que compõem uma cena enunciativa, configurada por Eduardo Guimarães (2018, p. 62-63, grifo nosso) da seguinte forma: “o agenciamento da enunciação é o agenciamento do falante a falar. Este, enquanto agenciado a enunciar, se divide em lugar que diz (**Locutor**), lugar social de dizer (**alocutor**) e lugar de dizer (**enunciador**)”.

Esse lugar de dizer assim se caracteriza: **enunciador individual** (independente da história); **enunciador genérico** (o que diz parece ser o que os outros também dizem); **enunciador universal** (o dizer submete-se ao regime do verdadeiro ou falso); **enunciador coletivo** (representa a voz de um grupo) (GUIMARÃES, [2002] 2005; 2013, grifo nosso).

Os procedimentos usados para a análise dos sentidos de *felicidade* na escrevivência serão a reescrituração e a articulação. Para representar essas análises, usamos o Domínio Semântico de Determinação (DSD).

Segundo Guimarães (2010b, p. 203), a reescrituração “consiste em se redizer o que já foi dito. Ou seja, uma expressão linguística reporta-se a uma outra por algum procedimento que as relaciona no texto integrado pelos enunciados em que ambas estão”. O autor ressalta que a enunciação, ao retomar o que já foi dito, atribui sentidos diferentes ao reescriturado. Tais sentidos são constituídos na relação entre as expressões do texto, não no funcionamento do enunciado, apenas. Desse modo, “a reescrituração, ao mostrar-se como dizendo o mesmo, diz outra coisa, e esta outra coisa passa a fazer parte da designação do nome reescriturado” (GUIMARÃES, [2002] 2005, p. 69).

No que diz respeito ao procedimento de articulação, as relações semânticas são estabelecidas pela forma como os elementos linguísticos dão sentido a outros elementos em sua proximidade, mediante agenciamento enunciativo. Ela “é o procedimento pelo qual se estabelecem relações semânticas em virtude do modo como os elementos linguísticos significam sua contiguidade”. Desse modo, “a organização das contiguidades linguísticas se dá como uma relação local, significada pela enunciação, entre elementos linguísticos” (GUIMARÃES, 2010a, p. 24).

O Domínio Semântico de Determinação (DSD) explica como funciona o sentido da palavra no texto, mediante a relação enunciativa que ela mantém com outras palavras, ali também funcionando. Para dizer o sentido de uma palavra é necessário estabelecer o seu DSD. Para tanto, é preciso se atentar para o funcionamento da palavra no texto em que ela aparece, suas relações com as outras palavras que ali estão, pois são essas relações que constituem o seu sentido (GUIMARÃES, [2002] 2005; 2007).

As relações de sentido em um DSD são representadas pelo autor, por meio de sinais: (⊥, ⊥, ⊥, ⊥), que significam determina; (-----), para a relação de sinonímia; e (____), para a relação de antonímia. Silva (2023), em sua pesquisa de Doutorado, acrescentou um outro símbolo, com o objetivo de marcar o dizer de alocutores-personagens distintos, na representação do DSD: (δ), para significar *no dizer de*.

Passemos, então, para a análise dos enunciados. O primeiro recorte compõe a primeira carta escrita por Joel, para o filho, Nelson. É uma carta marcada por descrições eufemistas, na tentativa de amenizar as impressões sobre o ambiente do presídio, ao mesmo tempo que demonstra uma preocupação com o bem estar de um menino de apenas oito anos. Vejamos:

[R1]: Não esqueça que seu pai pensa muito em você. E quer muito ser seu amigo. Breve, dentro de pouco tempo, estarei junto com você. Me conte tudo o que você está pensando. Você está **triste**? Está **alegre**? Ou mais ou menos? Acho que você está um pouquinho **triste**. E um pouquinho **alegre**. Está **triste** porque seu pai está longe. Mas deve estar **alegre** porque ele gosta muito de você – e está bem de saúde (Grifo nosso).

Escrevivência de Joel – Carta de Joel para Nelson, 12 de junho de 1973. In: **Quando eu voltei tive uma surpresa** (SANTOS, Joel, [1973-1974] 2000, p. 15).

Para a análise do sentido de felicidade, nesta enunciação, tomamos as palavras **triste** e **alegre**, por elas estarem, de algum modo, articuladas, uma vez que estar triste cria um desafio para o alcance da felicidade, diferentemente de estar alegre, situação que aponta para a criação de um ambiente favorável a ela. O Locutor, que fala do lugar social de alocutor-pai-presidiário, mobilizando um enunciador individual, primeiro questiona sobre o estado do filho, para depois apresentar a hipótese de como imagina que ele esteja. Nesse acontecimento do dizer, o uso do intensificador **pouquinho**, marcando as expressões **estar triste** e **estar alegre** produz uma dispersão de sentidos, como podemos ver nas determinações apresentadas no DSD que segue:

DSD 1 – Sentidos de felicidade estão atravessados pelas limitações
pouquinho – triste – ausência do pai
pouquinho – alegre – amor e saúde do pai

Lê-se: – (determina)

As relações de sentido que se apresentam no DSD apontam que, embora a ausência do alocutor-pai crie obstáculos para a alegria do alocutário-filho, o amor desse pai, bem como a sua saúde, não permite que essa alegria tenha fim. Mesmo que não seja com tanta intensidade, ela estará presente enquanto esse amor e essa saúde existirem.

O intensificador *pouquinho*, determinando o adjetivo *triste*, aponta para a falta de amplitude do estado da felicidade, que por sua vez está determinada pela *ausência do pai*, provocada pela sua prisão. Esse mesmo intensificador, determinando o adjetivo *alegre*, encaminha para a interpretação de que ainda resta um pouco dessa felicidade, determinada pelo *amor e saúde do pai*.

Importa destacar que esse intensificador constrói sentidos diferentes no dizer, uma vez que o enunciado *pouquinho triste* está atravessado por uma positividade que não está presente em *pouquinho alegre*. É possível dizer, desse modo, que a expressão *pouquinho alegre* significa uma compreensão, por parte do alocutor-pai, da dor vivida pelo filho, provocada pela sua prisão; dor que distancia o menino do alcance da felicidade naqueles momentos. Já *pouquinho triste* significa que a esperança de dias melhores é maior que a distância provocada pela ausência forçada pelo cárcere.

O verbo *estar* também produz sentidos diferentes articulados à felicidade, uma vez que *estar feliz* indica transitoriedade, diferentemente de *ser feliz*, que aponta para um estado permanente, apagando a possibilidade da dúvida, como diria Ludwig Wittgenstein (1969), produzindo um efeito de evidência que descarta mudanças nesse estado.

Essa transitoriedade apontada no dizer do alocutor-pai-presidiário entra em contradição com o sentido de felicidade apresentado por Aristóteles ([300 a.C.] 1973), já que, para o filósofo, ela é autossuficiente, não depende de qualquer coisa para ser alcançada. Por outro lado, a enunciação recorta o memorável da luta histórica do povo negro pelos seus direitos, inclusive o direito de ser feliz, já que a única certeza que é dada para homens negros e mulheres negras na sociedade brasileira, é a de *ser negro*. E essa certeza, ao invés de garantir direitos como a vida, a liberdade, lugar de fala, dentre tantos outros, os limita, porque

é criado um estado de exceção que determina privilégios para brancos/as e falta de oportunidades para negros/as, como afirma Achille Mbembe (2018).

O memorável, segundo Eduardo Guimarães ([2002] 2005), é um recorte realizado pelo acontecimento, a partir do qual é construída a futuridade, ou seja, as projeções de interpretação. Esse memorável “é uma memória de sentidos que é recortada na relação com o presente do acontecimento, projetando um futuro na forma de interpretação” (MACHADO, 2011, p. 48). Assim, o dizer do alocutor-pai-presidiário rememora outros dizeres, outras histórias de ausências forçadas, de tristezas e de poucos instantes de felicidade.

Nos recortes que seguem, o alocutor-pai-presidiário revela para o alocutário-filho, o quanto a sua visita é responsável pela sua felicidade, o que é possível afirmar pela reiteração, nas cartas, da alegria sentida a cada visita, da euforia antes da chegada, da preparação para o encontro.

[R2]: Hoje é 2ª feira. E até agora eu estou **alegre** pela sua visita. Eu estava com bastante saudade de você – pois a sua visita deu pra matar um pouquinho essa saudade (Grifo nosso).

Escrevivência de Joel – Carta de Joel para Nelson, 16 de julho de 1973. In: **Quando eu voltei tive uma surpresa** (SANTOS, Joel, [1973-1974] 2000, p. 35).

[R3]: **Felizmente** está se aproximando o dia de você me visitar. Só de pensar que você vai vir, e eu vou poder te abraçar e conversar um bocado com você, me deixa **muito alegre** (Grifo nosso).

Escrevivência de Joel – Carta de Joel para Nelson, 23 de setembro de 1973. In: **Quando eu voltei tive uma surpresa** (SANTOS, Joel, [1973-1974] 2000, p. 71).

[R4]: Fiquei **muito feliz** com a sua visita. Desta vez fiquei **um pouco mais**, porque era a festa do seu aniversário (Grifo nosso).

Escrevivência de Joel – Carta de Joel para Nelson, 05 de novembro de 1973. In: **Quando eu voltei tive uma surpresa** (SANTOS, Joel, [1973-1974] 2000, p. 89).

É possível dizer que, na enunciação que se apresenta em R2, R3 e R4, alegria e felicidade estão relacionadas pelo processo de reescrituração por sinonímia, já que *alegre*, *felizmente*, *muito alegre*, *muito feliz* e *um pouco mais* feliz se apresentam, nesse dizer, como estados semelhantes, embora marcados por intensidades distintas. Desse modo, o sentido de felicidade está ligado à presença do filho no cárcere, nos dias de visitas estabelecidas. Vejamos o DSD:

DSD 2 – Sentidos de felicidade se articulam com encontros e afetos.
pensar no encontro com o filho ⊥ visita do filho ⊣ alegria, felicidade ⊣ pensar que vai abraçar o filho ⊥ festa de aniversário

Lê-se: ⊣, ⊥, ⊥, ⊣ (determina)

Retomando as reflexões de Aristóteles ([300 a.C.] 1973), é possível observar que, novamente, o dizer do alocutor-pai-presidiário projeta sobre determinadas situações a responsabilidade para o alcance da felicidade. Esta não é um bem buscado por si mesmo, como ressalta o filósofo, depende de que algo ocorra, para que se estabeleça: *uma visita, um encontro, um abraço, uma festa*, como apresentado no DSD.

No R2, a *saudade* do filho é apontada como um empecilho para que a felicidade seja sentida. Essa situação não se resolve com a visita, apenas ameniza, como podemos interpretar pelo uso, mais uma vez, do intensificador *pouquinho* [*deu pra matar um pouquinho essa saudade*], em oposição ao intensificador bastante [*Eu estava com bastante saudade de você*].

No R3, o advérbio *felizmente* encaminha para o sentido de que o alocutor se encontra em um estado de felicidade, porque se aproxima o dia da visita do filho. Já *um bocado* (com o sentido de bastante) e *muito* se articulam no dizer, criando uma relação de interdependência, ou seja, a intensidade da felicidade dependerá do quanto conversarão e do quanto se abraçarão. Joel e companheiros comemoraram o aniversário de Nelson com presentes produzidos por eles, no presídio. É dessa festa que ele fala, no R4, um dos motivos para ter ficado *muito feliz*.

O uso dos intensificadores *muito* e *um pouco mais*, na enunciação de R3 e de R4, encaminha para a interpretação de que o alocutor-pai-presidiário deseja amenizar para o filho a angústia passada no cárcere. As rememorações recortadas do acontecimento das prisões de militantes no período da ditadura militar são traumáticas, dolorosas, mas o alocutor, ao falar de momentos alegres em suas cartas para o filho, intensificando sua alegria e sua felicidade, se distancia desse lugar. É como se desejasse construir outras memórias, junto com Nelson, desse período turbulento e difícil para ambos.

Assim, felicidade, na enunciação de R3 a R4, está articulada com encontros, afetos. E mais uma vez a marca da transitoriedade se faz presente (*estou, fiquei/alegre, feliz*), apontando que cada instante é precioso, cada visita é motivo de comemoração, uma vez que

a única certeza é o desejo de que o filho esteja bem, esqueça a tristeza, e o caminho para essa realização parece ser aquele onde não há lugar para o desânimo ou a demonstração de que a alegria/felicidade e a tristeza/infelicidade não estão em posições opostas, ao contrário, se inter-relacionam.

Esse cuidado do alocutor-pai nos faz pensar nas afirmações de Epicuro, em sua carta a Meneceu ([300 a.C.] 2002), sobre a importância de valorizar a felicidade presente, uma vez que, segundo o filósofo, a sua presença representa tudo aquilo que precisamos ter. Nesse sentido, o alocutor-pai se aproveita do que tem de mais valioso no momento para se sentir feliz: a presença do filho, os abraços, o carinho de um pelo outro.

Em determinados momentos, Joel aproveita para mandar recados para sua ex-mulher, a quem chama de Dedé, nas cartas que envia para Nelson. Identificamos, em tais recados, um outro sentido produzido para felicidade, palavra que se articula, nessa enunciação, com o adjetivo feliz. Vejamos:

[R5]: Para Dedé: Penso em você, às vezes. Tomara que você se sinta **um pouco feliz**, com a sua vida (ela nunca é **muito feliz** para ninguém, não acha?) (Grifo nosso).

Escrevivência de Joel – Carta de Joel para Nelson, 22 de outubro de 1973. In: **Quando eu voltei tive uma surpresa** (SANTOS, Joel, [1973-1974] 2000, p. 85).

[R6]: Para Dedé: Vejo à nossa frente dias **mais felizes**, mais senhores de si, quando andaremos em terreno mais sólido. Do Joel de vocês. (Não se preocupem com mandar carta para cá. Se eu já tiver saído, a assistente social entregará ao meu advogado). Beijos e Feliz 1974! (Grifo nosso).

Escrevivência de Joel – Carta de Joel para Nelson, 03 de janeiro de 1974. In: **Quando eu voltei tive uma surpresa** (SANTOS, Joel, [1973-1974] 2000, p. 115).

Na enunciação de R5, o Locutor, que agora fala do lugar social de alocutor-presidiário, relaciona vida à felicidade, a partir de uma visão mais pessimista, diferentemente da enunciação de R6, em que, por estar à espera da sentença de soltura (como é possível compreender, pelo enunciado *Se eu já tiver saído, a assistente social entregará ao meu advogado*), produz sentidos que apontam para a esperança de que dias melhores virão.

Essa divisão de sentidos que se apresenta no dizer do alocutor pode estar relacionada ao momento em que os recados foram enviados: 1973 é o ano do enfrentamento de tudo o que se passava na prisão; 1974 é o ano da expectativa da liberdade, a qual, segundo as cartas, poderia ser determinada pelo juiz, a qualquer tempo. Vejamos essa relação no DSD que segue:

DSD 3 – Prisão e liberdade afetam a relação entre vida e felicidade.
vida nunca é muito feliz (δ alocutor-prisioneiro) vida dias mais felizes no futuro (δ alocutor-prisioneiro à espera da sentença de soltura)
Lê-se: (determina); _____ (oposição); δ (no dizer de)

Analisando as relações de sentido apresentadas no DSD, é possível dizer que a dúvida demonstrada pelo advérbio *tomara*, na enunciação de R5 [*Tomara que você se sinta um pouco feliz, com a sua vida*], reforçada pelo advérbio de negação, no enunciado seguinte [*ela nunca é muito feliz para ninguém, não acha?*], constrói sentidos para uma vida de felicidade que apontam para a incerteza de que alguém realmente a alcançará em sua totalidade. Tais sentidos recortam memoráveis da vida privada de liberdade, na época da ditadura, das prisões que marcaram a história de tantos/as brasileiros/as (dentre eles e elas, Joel e companheiros/as), deixando feridas difíceis de serem cicatrizadas, por completo.

Assim sendo, o dizer do alocutor, do mesmo modo que demonstra descrédito em relação a uma felicidade plena, significada como vida feliz, traz uma justificativa que consola não apenas a alocutária, mas também a si mesmo: não apenas os dois estão menos felizes naquele momento; outras pessoas estavam enfrentando o mesmo processo.

Seguindo a análise, a expectativa da liberdade projeta sobre a vida um sentido atrelado a uma felicidade mais duradora, como é possível identificar no enunciado inicial do R6 [*Vejo à nossa frente dias mais felizes*]. O alocutor relaciona este sentimento à sua futura condição de liberto, que possibilitará a continuidade da luta de uma posição mais favorável ao dizer [*mais senhores de si*], uma vez que o ambiente fora da prisão cria mais possibilidades de resistência, de andar *em terreno mais sólido* frente ao sistema de opressão que o impede de estar feliz naquele momento. Contudo, essa felicidade ainda não será alcançada em sua plenitude, como podemos analisar no uso da expressão *dias mais felizes*, marcada pela ausência do artigo definido (os dias), que aponta para a interpretação de dias de tristeza também.

O último recorte que tomamos para análise traz a enunciação do alocutor-juiz, no momento da audiência, para decidir algumas questões sobre a liberdade do alocutor-presidiário. Dentre os questionamentos, estão aqueles sobre Nelson, cujas respostas provocam elogios por parte do magistrado. Vejamos:

[R6]

E1: — Como se chama seu filho?

E2: — Nelson Garbayo dos Santos.

E3: — Como ele é?

E4: — Inteligente à beça, um pouquinho preguiçoso, torce pelo Botafogo, pelo Palmeiras e pela Portela. É moreno e muito elegante, igual à mãe.

E5: — O senhor é **muito feliz** porque tem um filho como o Nelson. E o Nelson é também **muito feliz** porque tem um pai corajoso como o senhor. Parabéns para vocês dois. Esta semana é quase certo que o senhor possa ir embora.

Escrevivência de Joel – Carta de Joel para Nelson, 11 de março de 1974. In: **Quando eu voltei tive uma surpresa** (SANTOS, Joel, [1973-1974] 2000, p. 135).

Observemos os sentidos de felicidade, articulada, neste dizer, a *muito feliz*, no DSD:

DSD 4 – Felicidade para Nelson e Joel, no dizer do alocutor-juiz.	
Felicidade para Joel	└ ter um filho como Nelson
Felicidade para Nelson	└ ter um pai corajoso

Lê-se: └ (determina); _____ (oposição)

As determinações de felicidade, apresentadas no DSD, apontam para sentidos opostos, uma vez que, ser feliz, para Joel, segundo o dizer do alocutor-juiz, está atrelado à existência do filho, com suas qualidades [*inteligente, elegante*], preferências [*torce pelo Botafogo, pelo Palmeiras e pela Portela*] e defeito [*um pouquinho preguiçoso*]. Já a felicidade de Nelson é determinada pela coragem do pai. Interessante analisar que as qualificações de Nelson são enumeradas no dizer do alocutor-pai, diferentemente da qualificação *corajoso*, que se apresenta no dizer do alocutor-juiz, como se esse adjetivo resumisse o conjunto de outras significações. Isso aponta para a interpretação de que o alocutor-juiz significa os movimentos de militância do alocutor-presidiário, não como um ato criminoso, mas como um ato de coragem.

Assim, o sentido de felicidade, quando se relaciona a Nelson, se articula com o orgulho de ter um pai que não tem medo de dizer o que pensa, que luta pela liberdade de uma coletividade, mesmo sabendo que isso traz o risco de ter usurpado o seu direito de ser livre. Do mesmo modo, se articula com a representatividade construída por esse pai, a qual traz para a visibilidade outros lugares para os sujeitos negros, onde estes são reconhecidos como protagonistas cujas vozes ecoam para serem ouvidas, cujos corpos se movimentam na luta contra a opressão e discriminação, buscando a valorização e o reconhecimento como sujeitos de direitos.

Considerações Finais

Ao longo do texto, analisamos os sentidos de felicidade presentes na escrevivência de *Quando Eu Voltei, Tive uma Surpresa* (SANTOS, 2000), sob a perspectiva do conceito aristotélico de felicidade como um bem capaz de satisfazer carências e aspirações humanas. A análise revelou que, para as personagens dessa obra, a felicidade não se traduz por conquistas materiais ou momentos de alegria superficial, mas por um processo de reconhecimento e afirmação identitária, afinal trata-se de um sujeito negro encarcerado pela ditadura militar, que cerceou a liberdade de muitos brasileiros e foi violenta e homicida com artistas, intelectuais, líderes comunitários e a classe trabalhadora, de um modo geral.

A felicidade, no contexto de Joel Rufino, surge como um processo de resistência e valorização da cultura negra, em que a luta pela liberdade e pelo pertencimento, muitas vezes marcada pela dor e pela exclusão, é central. Esse entendimento vai ao encontro da ideia aristotélica de felicidade, pois o autor não descreve uma busca por satisfação imediata ou prazer instantâneo, mas uma aspiração mais profunda, vinculada à superação das dificuldades e à afirmação da dignidade humana. Portanto, dizer que uma pessoa negra está feliz na prisão é algo muito forte, principalmente quando olhamos para a história do Brasil colonial/imperialista/escravocrata e para o Brasil republicano/racista/desigual.

Além disso, observamos que palavras associadas ao campo semântico da felicidade, como "felizes", "tristes" e outras emoções, ganham um caráter multifacetado, polifônico, refletindo as experiências de marginalização e os desafios enfrentados pelos sujeitos negros, ao mesmo tempo em que revelam uma visão de mundo que ressignifica a ideia de felicidade. A presença deste sentimento nas situações de sofrimento, quando ressignificada pela vivência e resistência cultural, indica um movimento de transformação e de busca por um sentido de bem-estar que ultrapassa as condições materiais e se conecta ao coletivo, à memória e à identidade, conforme destacamos pela filosofia africana e pela filosofia da ancestralidade.

Pelo contexto destas filosofias, o ser feliz se desvia do modelo aristotélico ocidental de realização pessoal, movendo-se para uma compreensão que inclui o pertencimento e o coletivo. Para as personagens da obra de Rufino dos Santos, tal sentimento não é alcançado apenas por meio de um caminho individual, mas por meio de um retorno às raízes, ao encontro com a ancestralidade e a construção de uma nova realidade pautada no reconhecimento de suas histórias. O que emerge, então, é a felicidade como resistência, uma

força construída a partir da luta e da busca por justiça e reconhecimento também da cultura afro-brasileira.

Partindo do conceito de escrevivência de Conceição Evaristo, que aproxima a linguagem da vivência da mulher negra, da memória de sua terra e de sua história, é possível dizer que os relatos de Joel Rufino, em *Quando Eu Voltei, Tive uma Surpresa* contribuem para a construção de um sentido de felicidade que está entrelaçado com a transformação social e histórica. A linguagem, nessa perspectiva, se configura não apenas como um meio de comunicação, mas como um espaço de resistência, de afirmação da identidade e da subjetividade. O bem-estar que emerge da escrevivência, portanto, está conectado à reconfiguração do sujeito dentro de um contexto de exclusão social, mas também de afirmação cultural e de luta. Este sentimento é recuperado e construído a partir da escrita, do falar, do se fazer presente.

A proposta de análise permite concluir que o conceito de felicidade, quando observado à luz da semântica da enunciação, da filosofia africana e da ancestralidade, se desvia do entendimento limitado e individualista, ampliando-se para uma visão coletiva, cultural e histórica. O entendimento é de uma luta contínua pela afirmação da identidade, pelo resgate das raízes e pela transformação social. O retorno às origens, o reconhecimento da ancestralidade e a resistência frente às opressões são elementos centrais para a construção deste ser feliz. Nesse contexto, a felicidade é também um processo de reconciliação com o passado, de valorização da cultura e de contínuo movimento em direção ao futuro.

Por fim, esta análise semântica reafirma a importância de continuar explorando as obras de autores negros como uma chave fundamental para a compreensão da felicidade no âmbito da escrevivência, considerando suas nuances e especificidades culturais, que ultrapassam o entendimento convencional de um bem (sentimento) estático e individual.

Referências

ARISTÓTELES. [300 a.C.]. *Ética a Nicômaco*. Tradução: Leonel Vallandro e Gerd Bornheim da versão inglesa de W. D. Ross. In: **Os Pensadores**. São Paulo: Nova Cultural, 1973, v.4.

EPICURO. [300 a.C.] **Carta sobre a felicidade** (a Meneceu). Tradução: Álvaro Lorencine e Enzo Del Carratore, 2. ed. São Paulo: Editora UNESP, 2002

EVARISTO, C. **Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade**. 1996. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira) – Faculdade de Letras. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1996.

GUIMARÃES, E. **História e sentido na linguagem**. Campinas, SP: Pontes, 1989.

GUIMARÃES, E [2002]. **Semântica do acontecimento: um estudo enunciativo da designação**. 2. ed. Campinas, SP: Pontes, 2005.

GUIMARÃES, E. Domínio semântico de determinação. In: GUIMARÃES, E.; MOLLICA, M.C. **A palavra: forma e sentido**. Campinas: Pontes, RG Editores, 2007.

GUIMARÃES, E. Quando o eu se diz ele: análise enunciativa de um texto de publicidade. REVISTA DA ANPOLL, v. 1, n. 29, p. 15-40, 2010a.

GUIMARÃES, E. Andorinha, andorinha. ECOS, Universidade do Estado de Mato Grosso, Cavahada, v. 9, n. 2, p. 197-207, 2010b.

GUIMARÃES, E. Ler um texto uma perspectiva enunciativa. REVISTA DA ABRALIN, v. 12, n. 2, p. 189-205, 2013.

GUIMARÃES, E. **Semântica, enunciação e sentido**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2018.

MACHADO, C. P. **Política e sentidos da palavra preconceito: uma história no pensamento social brasileiro na primeira metade do século XX**. 2011, 258 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2011.

MBEMBE, A. **Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte**. Tradução: Renata Santini. São Paulo: n-1 Edições, 2018.

OLIVEIRA, E. D. **A epistemologia da ancestralidade**. ENTRELUGARES: Revista de Sociopoética e Abordagens Afins, Fortaleza, v. 1, n. 2, p. 1-10 2009.

RAMOSE, M. B. **Sobre a legitimidade e o estudo da filosofia africana**. ENSAIOS FILOSÓFICOS, Rio de Janeiro, v. 4, p. 6-23, outubro/2011.

RAMOSE, M. B. **African Philosophy through Ubuntu**. Harare: Mond Books, 1999, p. 49-66. Tradução para uso didático por Arnaldo Vasconcellos.

SILVA, C. A. S; SOARES, R. **A filosofia da ancestralidade na educação das relações étnico-raciais nas universidades catarinenses**. PERSPECTIVA, Florianópolis v. 38, n. 1, p. 01-13, jan./mar. 2020.

SILVA, F. J. **Racismo, luta e resistência: sujeitos negros e suas significações em escrituras brasileiras**. 2023, 189 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2023.

SANTOS, J. R. [1973-1974]. **Quando eu voltei, tive uma surpresa.** Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

WITTGENSTEIN, L. **Da certeza.** Lisboa: Edições 70, 1969.